



As Redes Sociais primárias e a noção de dádiva: trocas existentes nas relações sociais

**Magali Sampaio de Castro¹
Lúcia Cristina dos Santos Rosa²**

Resumo: Diversos estudos já foram realizados sobre redes sociais e associações com diversos campos do conhecimento. O uso dessa categoria em diversas áreas tem levando a algumas implicações epistemológicas e, embora se considere a polissemia existente, o referido artigo se propôs a analisar a concepção de redes sociais primárias a partir da discussão do conceito de dádiva desenvolvido por Mauss (1974). Metodologicamente foi uma pesquisa bibliográfica. Alguns autores foram especialmente considerados: Boff (1976), Barnes (1987), Sanicola (2008), Merleau-Ponty (1980), Oliveira (1988), dentre outros. Nas considerações destacou-se a importância de se articular a idéia de redes sociais à concepção de dádiva para compreender a dinamicidade da vida social. Apresenta-se a teoria de redes de forma estratégica na sociedade atual, pois pode ser vista como responsável pelo compartilhamento de ideias entre pessoas, que possuem interesse e objetivos em comum e também valores a serem compartilhados. Daí que o princípio geral e a matéria-prima principal da rede é a relação. De fato, o que a rede faz, pela organização da multiplicidade, é produzir uma oferta abundante de possibilidades de relacionamento, e isso significa claramente o incremento das probabilidades de realização.

Palavras-chave: Redes sociais. Dádiva.

¹Assistente Social na Secretaria Municipal de Educação – SEMEC.

²Assistente Social. Doutora em Serviço Social pela UFRJ, Doutora em Sociologia pela UFPE.



1. Introdução

O tema Redes Sociais possui uma literatura que vai desde as concepções sociológicas sobre “Redes Sociais” à discussão de “Redes de Gestão Pública”. A primeira refere-se a estudos voltados para gênese desta concepção com destaque a temas como: reciprocidade, relações sociais, estabelecimento de vínculos, interdisciplinaridade, dentre outros aspectos. Alguns autores relevantes nessa linha de pesquisa são: Boff (1976), Barnes (1987), Subdrack (2005), Sanicola (2008) e outros.

Uma segunda perspectiva de análise traz a discussão de gestão social e para tanto ressalta a análise das políticas sociais, com referência a temas como sociabilidade, participação social, território, articulação, intersetorialidade e estratégia. Alguns autores de referência nessa perspectiva são: Inojosa (2001), Bourguignon (2001), Sposati (2006), Sherrer-Warrern (2009), dentre outros. Nesse rol de possibilidades nos deparamos também com produções internacionais. Autores especialmente considerados são Castells (1999), Capra (1996), Sluzki (1997), dentre outros.

Este artigo se propôs a analisar a concepção de redes sociais primárias a partir da discussão do conceito de dádiva, desenvolvido por Mauss (1974), dentre outros autores relevantes, que apontam aspectos relacionados a essa temática.

Assim sendo, o presente estudo encontra-se estruturado da seguinte forma: inicialmente se fez necessário um esclarecimento teórico sobre a discussão de redes sociais apontando para o campo polissêmico desse conceito. Posteriormente, esclarecemos a concepção de redes sociais primárias, com destaque para as categorias relevantes e que finalmente foram consideradas para o estabelecimento de uma discussão dialógica com o conceito de dádiva de Mauss (1974). Pode-se perceber durante este estudo a possibilidade de associações mais complexas e que permeiam variados campos temáticos abordados na antropologia.

2. O polissêmico campo das redes: dilema teórico

A partir do estudo de obras de autores clássicos da Antropologia foi possível conhecer um variado campo de temáticas, que possibilitaram a associação com alguns conceitos recorrentes na pesquisa sobre redes sociais primárias.

Boccacin (2001, p. 217 apud SANICOLA, 2008, p. 13) esclarece que o conceito de rede, tanto no singular quanto no plural, é usado para definir sistemas que se



encontram conectado, malhas de comunicação, estratégias empregadas por indivíduos ou “forma” das relações sociais.

Sanicola (2008) e Faleiros (2010) apontam a polissemia existente com relação ao tema de redes sociais. Sanicola (2008) destaca a dimensão simbólica dos sujeitos, contribuindo para a construção de representações da realidade e Faleiros (2010) expõem algumas destas representações sobre rede, a citar: um conjunto de nós e vazios; proteção; terapia; parentesco; interação; vínculos; relação social; dom; dívida; retribuição; estratégia de intervenção; capital social; redes internéticas; território e cultura; poder; comunicação sistêmica; gestão, dentre outros.

Do ponto de vista histórico, o conceito de “rede social” apresenta como principal expoente John Barnes, que no ano de 1954, realizou estudo sobre as interações existentes numa pequena ilha norueguesa. De acordo com Sanicola (2008), o conceito foi utilizado por Barnes para descrever as relações informais de parentesco, vizinhança e amizade, que ele não podia investigar usando os conceitos de relações formais de trabalho e de proximidade territorial.

Nesse sentido, ao analisar Mauss (1974), na obra “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas,” foi possível vislumbrar alguns pontos de discussão em comum com a temática de redes sociais primárias. Dentre eles verificamos a concepção de relações sociais, que envolvem um contínuo movimento de trocas, obrigatoriedade, reciprocidade, tensões e conflitos.

Sociólogo e antropólogo francês nascido em 1872, este autor teve como principal contribuição para o desenvolvimento da sociologia o fato de ter tornado indispensáveis para a Antropologia Social os conceitos de troca e de reciprocidade. Para ele, a troca constitui o centro de um sistema onde a reciprocidade, apesar de formalmente gratuita, é na prática obrigatória. Idéia esta posteriormente analisada por diversos outros autores.

A análise de seus estudos observou que as trocas e os contratos, feitos sob a forma de presentes, teoricamente voluntários, eram na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos, referindo-se, portanto, ao direito contratual e ao sistema de prestação econômico. O caráter voluntário nas trocas, conforme o autor, aparentemente livre e gratuito é, no entanto, imposto e interessado dessas prestações.

Destarte, podemos avaliar o conceito de troca trabalhado por Mauss (1974) relacionando-o a algumas questões importantes na discussão sobre redes sociais



primárias. Estas se apresentam também com um caráter voluntário, numa espécie de contrato para manutenção de uma boa sociabilidade, assim como de seguro social, de proteção social. Além disso, percebemos a discussão sobre os laços, trocas e conexões existentes neste sistema de relações.

3. Redes primárias e secundárias: associações com o conceito de dádiva de Mauss

Quando falamos de intervenção de rede, consideramos as redes sociais como forma das relações sociais. Suas características a dividem em duas grandes categorias: as redes primárias e as redes secundárias formais e informais. As redes primárias incluem as relações pessoais entre familiares, amigos, vizinhos e colegas de trabalho; os laços que se constituem entre estes implicam relações significativas do ponto de vista simbólico e, até por isso, são estruturalmente relevantes.

Sanicola (2008) distinguiu que as redes sociais, tanto primárias quanto secundárias, são constituídas por laços, conexões e trocas que têm como ponto de confluências os nós de rede (pontos de ligações) e a estrutura é dada pelo conjunto de laços perceptíveis que se estabelecem entre pessoas e entre redes, que, quando acionados, geram conexões que dão forma às redes.

O tema relações sociais aparece, por conseguinte, em ambas as discussões como fundamental para compreensão de tais fenômenos. Assim sendo, ressaltamos a contribuição de Mauss considerando o comentário feito por Lévi-Strauss (apud MAUSS, 1974), quando ressalta o seu esforço em compreender a vida social como um sistema de relações e ao apontar o caráter revolucionário em seus estudos, principalmente no “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, na medida em que pela primeira vez o social torna-se um sistema, entre cujas partes podemos descobrir conexões, equivalências e solidariedades.

A Teoria da Dádiva (hindu), da recompensa nessa vida e na outra, é o que norteia a discussão da obrigação de dar e receber apresentada por Mauss (1974). Nesse sentido, os objetos aparecem tendo propriedade e espírito que volta ao seu dono por meio da troca e implica no orgulho que eles têm de receber, donatário e doador.

Vislumbramos, pois, a correlação existente entre a noção de dádiva e de fenômenos totais, categorias estas avaliada por Mauss (1974), ao princípio de senso de dívida social presente nas redes sociais primárias.



Sanicola (2008) identificou que as redes primárias têm como princípio de organização o senso de dívida social, uma vez que cada sujeito se liga ao outro porque em sua estrutura antropológica está inscrita a exigência de reconhecer o outro como “dado”, perante o qual existe um “débito”. Esse reconhecimento permite que se estabeleça uma relação de troca, possível por causa da reciprocidade, enquanto o meio de troca é marcado pela lógica da doação.

Esta discussão é percebida nos estudos de Mauss (1974), quando este questionou qual a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído. Que força há na coisa dada que faz com que o donatário a retribua. Enfim, que elementos podem ser considerados para se compreender o senso de dívida social?

A estas indagações, uma primeira conclusão a que chega o autor refere-se à criação de um sistema de classificação, denominado por ele como fenômeno total, onde tudo está implicado e o objeto aparece como tendo forças místicas. E explica tal fenômeno da seguinte forma: ao dar alguma coisa você vai junto e recebe outra, pois o que, no presente recebido e trocado, cria uma obrigação é o fato de que a coisa recebida não é inerte, mesmo abandonada pelo doador, ela ainda é algo dele, pois o hau (o espírito das coisas) persegue todo detentor.

Ao chegar a tais considerações Mauss (1974) cunhou o conceito de troca, que possui como lei subjacente a regra de reciprocidade no sistema de prestação total (dar, receber e retribuir), devidamente analisado abaixo.

Em correlação com o exposto destacamos o modelo de community care (uma orientação metodológica do trabalho em rede) delimitado por Sanicola (2008, p. 40). Este modelo aborda duas perspectivas teóricas que a explicitam: a ecológica e as teorias da troca de recursos. Esta, mais conhecida como teoria da equidade, foca de uma maneira nova o conceito de troca, pois introduz a idéia de reciprocidade como necessidade não apenas de receber, mas também de dar. Sendo assim, a pessoa não é um coletor estático, mas um ponto importante de circulação de recursos.

Entre as orientações metodológicas do trabalho em rede, que têm como referência o community care, poderíamos ressaltar a social networking e o case management comunitário. Com relação a este último, os principais objetivos do modelo são: estabelecer uma relação de troca com os recursos de ajuda do ambiente e ajudar o cliente a reconectar-se ao ciclo de solidariedade.



4. O ato de dar, receber e retribuir: as trocas nas relações sociais

Estes autores apresentam uma forma de interpretação da realidade social que tem como foco o que se foi denominada de sistema de prestações totais.

Os estudos de Mauss (1974) analisam a obrigação simbólica do ato de dar, receber e retribuir presente nas relações sociais. Para o referido autor esta é uma questão que permeia a condição de persona, pois quem participa é beneficiado pela honra, crédito, riqueza, e envolve um sistema que discute direito e obrigações, denominado por ele como sistema de prestações totais.

Outras contribuições advêm de Lévy-Strauss (apud MAUSS, 1974) e Oliveira (1988), ao afirmar que o social só é real na medida em que esteja integrado ao sistema (dádiva, troca). Ambos os autores expuseram que se a pessoa não está no sistema não tem realidade social, onde existem ligações que fazem uma coletividade se relacionar e implicam na reciprocidade.

Como dizer não? Ao refletir sobre o ciclo de obrigações, Mauss (1974) elabora este questionamento e percebe uma espécie de escravidão por dívida vinculada à função que o indivíduo tem na sociedade, pois a obrigação de retribuir leva a sanções caso não seja obedecida.

A reflexão deste autor reforçou o modo arqueológico das transações humanas, onde os fenômenos de troca e de contrato nessas sociedades não são destituídos de mercados econômicos. O conceito de mercado aparece como um fenômeno humano, que é posto pelo autor como algo que não é estranho a nenhuma sociedade conhecida, mas cujo regime de troca é diferente do nosso.

A este aspecto podemos perceber a contemporaneidade dos estudos de Mauss (1974), independentemente do tempo e espaço, salvo os devidos recortes analíticos.

Há também a idéia de circularidade combinada com a de obrigatoriedade, presentes em sua teoria. Pois, se as relações sociais são baseadas nas trocas, os bens não ficam permanentemente com as pessoas, conseqüentemente esta compreensão gera constantes mudanças na noção de propriedade baseada em novos parâmetros. À referida apreensão da idéia de circularidade, Mauss (1974) identificou a de obrigatoriedade, posto que, num sistema de troca, devem-se trocar os melhores presentes, assim como verificou que pessoas também recebem sem dar, embora adquira a obrigação de dar depois, numa próxima



oportunidade. Nesta circularidade se baseiam os sistemas de trocas existentes em cada cultura.

Desta forma, o estudo de Mauss (1974) assinalou que as trocas voluntárias têm um caráter obrigatório, no entanto indagou qual o seu sentido. A tal questionamento concluiu que seja o de superar uns aos outros em generosidade, tornando-se uma obrigação de cunho moral.

A idéia de circularidade também foi apontada por Sanicola (2008), nas críticas sobre redes do ponto de vista estrutural e funcional, quando salientou tanto a circularidade dessa relação quanto o papel da família, que se mostrou particularmente competente na realização de transições.

Em estudos sobre o trabalho em rede podemos perceber o princípio da obrigação moral em pesquisas como as de Granovetter e Griego (apud SANICOLA, 2008, p. 18), que se dedicaram ao estudo do impacto das características da network (trabalho em rede) interpessoal sobre a integração num sistema social de larga escala, como o sistema do trabalho.

Griego contestou em Granovetter (1987 apud SANICOLA, 2008, p. 18), o conceito de força do laço baseado na frequência dos relacionamentos e sublinhou a importância das normas de reciprocidade, aspecto este sublinhado abaixo nos estudos de Boff. Nota-se que o laço de parentesco requer o respeito de obrigações recíprocas, permitindo que a relação se reproduza e seja garantida ao longo do tempo, uma vez que as obrigações internas à rede de parentesco constituem uma dimensão agregadora de controle, baseada em laços fortes entre os componentes.

Estes autores salientam que as normas de reciprocidade, esboçadas no sistema de parentesco, também podem ser vislumbradas em outros, a exemplo de sua utilização pelos empregadores, no sistema do trabalho.

Na Itália, Paola Di Nicola (apud SANICOLA, 2008, p. 19), pertencente à corrente de pensamento da sociologia relacional, superou o determinismo existente na escola estruturalista, quando sublinhou a dimensão simbólica das trocas de reciprocidade presentes na rede, a qual ele definiu como a expressão da estratégia empregada por uma pessoa para dar conta de seus problemas e responder as suas necessidades num determinado momento de sua vida.

A discussão de redes sociais primárias é um campo propício para problematização das idéias de Mauss (1974), principalmente na dimensão das



trocas, função simbólica, reciprocidade, obrigatoriedade, e de que forma contribuem para estrutura das relações sociais, a exemplo destes, observamos Paola Di Nicola, dentre outros autores, que ultrapassaram o reducionismo analítico presente em algumas vertentes teóricas, não somente do campo sociológico, mas de outras áreas do conhecimento.

Dentre alguns estudos relevantes, lembramos a contribuição de Elisabeth Boff (1957 apud SANICOLA, 2008, p.16), ao destacar as diferentes densidades das networks (trabalho em rede), especialmente na dimensão familiar. Esta estudiosa observou como algumas famílias são representadas por redes de malha apertada, na qual, parentes, amigos, vizinhos, colegas de trabalho conhecem uns aos outros, ao passo que outro grupo de famílias pode ser classificado como redes de malha alargada, onde não há relações de conhecimento mútuo. A esta distinção denominou densidade do trabalho em redes.

Ao analisar a discussão de obrigatoriedade nas relações de trocas e densidades do trabalho em redes chegamos a algumas reflexões fundamentais à dimensão das relações sociais, dentre elas: os membros das redes de malha apertada procuram chegar a um consenso a respeito das normas e exercem uma forte pressão informal uns sobre os outros para que assumam essas normas, mantenham-se em contato e, se necessário, garantam uma ajuda mútua. Na rede de malha alargada, na qual muitos componentes por vezes não interagem entre si, ocorre uma maior variação das normas, ao lado de um controle social e de uma assistência recíproca fragmentada e menos eficaz. O trabalho de Bott analisado por Sanicola (2008) liga a organização interna da família a suas relações externas e avalia a situação da social network no processo de socialização, assimilação de normas e valores e organização do controle normativo.

Ainda pontuamos Granovetter que subsidiado em Boff (1957 apud SANICOLA, 2008, p.16) salientou a dimensão agregadora de controle que as obrigações internas à rede de parentesco constituem, não obstante tenha focado o sistema de trabalho e baseado suas análises no que classificou de laços fortes e laços fracos, dependendo da frequência com que estes relacionamentos sejam constituídos.

Entretanto Griego contestou em Granovetter (1987 apud SANICOLA, 2008, p. 18) o conceito de força do laço baseado na frequência dos relacionamentos. Para compreensão desta crítica, retomamos as explicações de Boff (1957 apud SANICOLA, 2008, p.16) supracitadas, ao distinguir as densidades das redes, em específico à dinâmica na rede de malha alargada.



A instituição família, nos estudos sobre redes sociais primárias, é muito utilizada para representar as relações estabelecidas para constituição da rede, relações estas tidas como informais. Há um destaque para defesa da proximidade existente, do caráter de ajuda, suporte, enfim, de algo que é visto como dado, voluntário, natural. A partir dos estudos de Mauss (1974), foi possível perceber que aquilo estabelecido e exigido socialmente como voluntário e inerente a própria instituição familiar possui uma dimensão de obrigatoriedade bem definida, e muitas vezes explícita entre os membros que a compõem.

Prossegue expondo que não parece que essa troca seja realmente livre e questiona até que ponto essa liberalidade é possível com tantas obrigações e processo de escolha determinado por questões outras. Avalia, portanto, a concessão e a tradição na troca, na dádiva onde essas trocas, aparentemente livres, não são. Elas são obrigatórias. Não se troca somente pela necessidade do objeto, mas pela coletividade (para se manter a moral, costume, etc). Adentramos, dessa maneira, ao sistema econômico e jurídico da obrigação de dar, receber e retribuir. É a todo este conjunto de constatações que se deve a relevância dos estudos de Mauss.

Ao comentar sobre a troca, Lévy-Strauss (apud MAUSS, 1974) afirma que esta não é um edifício complexo, construído a partir das obrigações de dar, receber e retribuir, com o auxílio de um cimento afetivo e místico. Mas é uma síntese imediatamente dada ao e pelo pensamento simbólico, que, na troca como em toda outra forma de comunicação, supera a contradição que lhe é inerente.

Notamos a construção dos conceitos de reciprocidade e obrigatoriedade presentes no sistema de troca e de que forma constituem as relações sociais. Esse arcabouço analítico que retomou as contribuições de Mauss, e demais pesquisadores citados no decorrer deste artigo, com especial atenção a preponderância da discussão sobre redes na contemporaneidade, destacou a dinamicidade e o caráter conflituoso das relações sociais, assim como a produção de consensos urdidos por meio do processo de relações.

E assim, pensamos a rede como responsável pelo compartilhamento de idéias entre pessoas que possuem interesse e objetivos em comum e também valores a serem compartilhados.

Daí que o princípio geral e a matéria-prima principal da rede é a relação. De fato, o que a rede faz, pela organização da multiplicidade, é produzir uma oferta



abundante de possibilidades de relacionamento, e isso significa claramente o incremento das probabilidades de realização. Portanto, da mesma forma que Merleau-Ponty (1980) afirma que Mauss tem mais uma intuição do social do que uma teoria explícita, o desafio posto pelo modelo abstrato relacional da rede é dotar este modelo de validade teórica e de aplicabilidade, tornando possível operar com ele, seja como instrumento analítico, seja para orientar o desenvolvimento de práticas sociais concretas.

As redes de relações são inerentes às atividades humanas. Atualmente, as redes representam um fenômeno social, embora elas não sejam uma novidade completa, pois o relacionamento em rede sempre fez parte da vida dos indivíduos, sempre fez parte das relações humanas.

Considerações finais

Nas considerações destaca-se a importância de articular a idéia de redes sociais a concepção de dádiva para compreender a dinamicidade da vida social. Apresentamos a teoria de redes de forma estratégica na sociedade atual, pois pode ser vista como responsável pelo compartilhamento de idéias entre pessoas, que possuem interesse e objetivos em comum e também valores a serem compartilhados.

As redes são relações estruturadas, institucionais e interpessoais configuradas pelo poder da articulação existente que faz com que uma rede seja fraca ou forte. Dependem, portanto, da força da interação existente nas relações sociais das pessoas.

A compreensão da pessoa à luz de seu contexto de relações amplia a nossa visão em direção às suas redes sociais. É através dessa rede que a pessoa constrói seu universo relacional, reconhecendo-se como cidadão.

Dessa forma, percebemos que a teoria das redes sociais mira um aspecto da realidade, o sistema de relações entre os membros da sociedade, ou seja, a dimensão relacional, visto que não existe um ator social que não tenha pelo menos uma relação. De fato, o que a rede faz é reconhecer a impossibilidade de cada pessoa abarcar individualmente a complexidade do fenômeno social, potencializando, assim, as possibilidades de realização e impactos de sua intervenção.

A associação realizada com a teoria de Mauss nos levou a perceber que o conceito de rede implica num paradigma de relações entre as pessoas, para



tanto, centrado num processo de fortalecimento da proteção primária, dos laços e vínculos construídos. E para um trabalho em rede, é preciso conhecer tanto os vínculos como os ruídos/bloqueios, assim como de seu potencial, na proximidade do sujeito e numa vinculação mais complexa de pessoas para a potencialidade das relações.

Referências

LÉVY-STRAUSS, Claude. A obra de Marcel Mauss. In: **Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: EPU, 1974.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Marcel Mauss: Sociologia e Antropologia**, v. II. São Paulo: EPU, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **De Mauss a Claude Lévy-Strauss**. São Paulo: Ed. Abril. Coleção Os pensadores, 1980.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: tempo brasileiro; Brasília: CNPQ, 1988.

SANICOLA, Lia. **As dinâmicas de rede e o trabalho social**. São Paulo: Veras, 2008.

Abstract

Several studies have been conducted on social networks and associations with various fields of knowledge. The use of this category in many areas has led to some epistemological implications, although it is considered existing polysemy that article set out to analyze the design of primary social networks from the donation discussion of the concept developed by Mauss (1974). Methodology was a literature search. Some authors have been especially considered: Boff (1976), Barnes (1987), Sanicola (2008), Merleau-Ponty (1980), Oliveira (1988), among others. In the considerations highlighted the importance of articulating the idea of ??social networks to designing gift for understanding the dynamics of social life. Introducing the theory of networks strategically in today's society, it can be seen as responsible for the sharing of ideas among people who have interest and shared goals and



values to be shared also. Hence the general principle and the main raw material is the ratio of the network. In fact, what the network does, the organization of the multiplicity, is to produce an abundant supply of possible relations, and this clearly means the increase of probability of realization.

Keywords: Social Network. Gift.